

## **GRAFITE: GEOGRAFIA, LINGUAGEM E INCLUSÃO SOCIAL**

**Anderson Luiz Barreto da Silva**  
andersonbarreto@gmail.com<sup>1</sup>

**Edimilson Antônio Mota**  
uffmota@gmail.com<sup>2</sup>

### **Resumo**

*O presente artigo aborda o grafite como uma linguagem urbana real, desenvolvida ao longo das últimas décadas e que interage diretamente com diversas categorias geográficas, como espaço, território, lugar e paisagem, estabelecendo um diálogo constante com a cidade e os cidadãos. Propomos aqui a apropriação do grafite pelos docentes da Geografia, como um recurso pedagógico de múltiplas possibilidades em diversos contextos do processo de ensino – aprendizagem. Também realizamos uma pesquisa qualitativa sobre sua utilização como ferramenta de inclusão sócio cultural na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ, através da oficina “Arte em Grafite”, mantida pelo poder público municipal da referida cidade.*

**Palavras-chave:** Categorias Geográficas, Comunicação, Cidadania.

### **Introdução**

O reconhecimento do potencial do grafite como linguagem, como meio de comunicação e como expressão artística que estabelece um diálogo constante com outros elementos do espaço semiótico onde está inserido, levou à construção do presente trabalho, justificado pela busca da compreensão dessa dinâmica grafite - geografia - comunicação - inclusão social, onde o grafite tanto pode ser aplicado como um recurso didático no ensino de Geografia, quanto pode ser utilizado pelo poder público, como uma ferramenta de inserção sócio cultural de jovens de baixa renda.

Tomamos como exemplo, a mediação realizada pela oficina *Arte em Grafite*, que faz parte de um programa social da prefeitura de Campos dos Goytacazes (cidade da região norte fluminense) chamado “Qualifica Jovem”, que operacionaliza suas ações através da Fundação Municipal da Infância e da Juventude (F.M.I.J.), onde jovens são inseridos como sujeitos nos processos de apropriação, reconfiguração e ressignificação do espaço urbano vivido, além de

---

<sup>1</sup> Licenciando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, Polo Regional Campos dos Goytacazes.

<sup>2</sup> Prof. Dr. do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense

O presente artigo é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso do Licenciando Anderson Luiz Barreto da Silva.

construírem uma nova perspectiva de vida e das artes, através do desenvolvimento de seus potenciais artísticos.

Popularmente, a expressão *grafite* é utilizada para denominar pinturas, desenhos, letras/palavras/frases, realizadas com tintas, principalmente aerossóis (*spray*), em espaços públicos ou privados, essencialmente nos meios urbanos (muros, postes, calçadas, viadutos, etc.). O termo “*grafiteiro*” designa o indivíduo praticante do grafite (GITAHY, 1999, p. 16-19).

Antes associado a gangues e visto como sinônimo de sujeira, depredação e/ou vandalismo, atualmente o grafite passou a ser prestigiado como expressão artística de viés pós-modernista (GITAHY, 1999, p. 17). Hoje, seguindo uma tendência de desmarginalização, o grafite passou a ser compreendido e aceito por vários setores da sociedade, não sendo raro o surgimento de projetos sociais voltados para a juventude que trabalham com essa linguagem.

### **O Grafite na História**

Praticamente todas as referências encontradas sobre a origem do termo grafite, remontam ao uso do plural do termo italiano – *grafitto* (rabisco), para designar os diversos tipos de inscrições em pedras, paredes, estruturas, desde a Pré-História, passando pela Roma Antiga e o Egito.

Desde o início o grafite esteve ligado à contestação política e ideológica e a movimentos de afirmação de identidade, mas é no fim da década de 1960, início da década de 1970 nos Estados Unidos, na cidade de Nova York, nos bairros Bronx e Brooklin, onde gangues grafitavam seus códigos, inscrições e símbolos característicos como formas de demarcação territorial (LAZZARIN, 2007, p.62), é que o grafite começaria a ganhar as conotações que conhecemos hoje, pelas mãos dos primeiros grafiteiros, em sua maioria negros e imigrantes latinos que habitavam justamente esses bairros mais populares (TARTAGLIA, 2013, p.193).

As *tags* (ou assinaturas) foram se tornando cada vez mais elaboradas, incorporando desenhos e adquirindo novos significados (CORNIANI, 2008, p. 43), modificando a paisagem, que é humanizada não somente pela ação do homem, mas igualmente pelo pensar. “Cria-se a paisagem como uma representação cultural” (SCHIER, 2003, p.81).

Souza e Mello (2007) registraram que no início dos anos 1970, os jovens dos guetos faziam inscrições pelas ruas e nas composições dos metrôs, de seus *nicks* ou *signatures* (do inglês, “apelidos” e “assinaturas”, respectivamente), seguidos do número de suas casas, criando uma identidade própria, que reforçava a ideia de pertencimento à cultura circunscrita naqueles determinados lugares, e conseqüentemente o fortalecimento da estética do *graffiti*. (SOUZA; MELLO, 2007, p.196).

Nas laterais dos trens do metrô, a mensagem era móvel, transitava por toda a malha urbana da cidade e levava aos bairros mais distintos a mensagem daquele grupo. No contexto nova-iorquino, o grafite inseriu-se como um dos elementos que formou a tríade do hip-hop, movimento essencialmente metropolitano composto também pela dança (break) e música (rap) (SOUZA; MELLO, 2007, p.196).

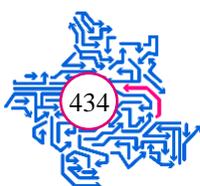
Surge à mesma época, no mesmo recorte do espaço geográfico, o movimento do Hip-Hop, que era a junção da forma cíclica de como se transmitia a cultura dos guetos norte-americanos com a forma mais popular de dançar, que era o salto (Hop) e movimentando os quadris (Hip) (CORNIANI, 2008, p. 9; LAZZARIN, 2007, p. 62).

Um dos primeiros grandes grafiteiros a transportar sua arte das ruas para as galerias, foi Jean Michel Basquiat, que escrevia mensagens poéticas nos muros e em prédios abandonados de Manhattan, o que atraiu a atenção da imprensa nova-iorquina promovendo a expressão das ruas de Nova York de forma tão intensa, que o grafite acabou ganhando espaço no mundo das artes.

O grafite teve sua fixação no Brasil na década de 1980, tendo uma grande aceitação nas classes sociais menos favorecidas (LOPES, 2011, p.18).

Imediatamente após chegar ao Brasil nos anos 80 o movimento cultural hip-hop foi adaptado às periferias do país com objetivo de servir como veículo de politização e mobilização da juventude pobre rumo à transformação social, fortalecendo e criando alternativas contra o racismo, a fome e a desigualdade social. O hip-hoppianismo implica, prioritariamente, engajamento social efetivado, tanto através dos seus quatro veículos - graffiti, a música Rap, os MCs (Master of Cerimony) e os Djs (Disk Jockey) -, como por intermédio de suas ONG's e oficinas que realizam inúmeros trabalhos socioculturais. (SILVA, 2008, p.215).

O grafite se modificou ganhando diferentes formas, volumes e combinações de cores em suas composições, associando-se diretamente às práticas musicais e de lazer juvenis, mas ligado também à crítica social e política (LOPES, 2011, p.18), se espalhando por vários centros urbanos brasileiros.



Hoje, no Brasil, o grafite ganha força e apoio de forma crescente, tanto do poder público quanto da sociedade. O grafite brasileiro desenvolveu um estilo próprio e hoje é considerado um dos melhores do mundo, tendo entre seus artistas mais reconhecidos internacionalmente os paulistas Gustavo e Otávio Pandolfo (“Os Gêmeos”) e Rafael Calazans (o “Highraff”).

Em Campos dos Goytacazes, não há muitos registros publicados conhecidos sobre a história do surgimento e desenvolvimento do grafite que remontem períodos anteriores a segunda metade da década de 1990, ficando a oralidade como principal forma de transmissão histórica.

### O Grafite como Linguagem

A linguagem é o que possibilita a comunicação entre os agentes emissor (que emite a mensagem) e receptor (que recebe a mensagem), seja ela verbal (oral e/ou escrita) ou não verbal (imagética, sonora, luminosa, etc.). Através das linguagens somos capacitados a nos expressar, a compreender e a atuar no espaço geográfico onde estamos inseridos.

Compreendemos como *signos* tudo aquilo que representa, que *significa* algo para alguém em algum momento, e *semiótica* como a ciência geral de todas as linguagens, como o ramo científico dedicado ao estudo dos *signos* (NETTO, 1983, p.56).

Outro conceito de suma importância é a *semiosfera*, ou *espaço semiótico*.

A semiosfera pode ser compreendida como um ambiente no qual diversas formações semióticas se encontram imersas em diálogo constante, um espaço-tempo, cuja existência antecede tais formações e viabiliza o seu funcionamento (MACHADO, 2007, p. 34).

O conceito de espaço empregado quando falamos de semiosfera, jamais deve ser considerado num sentido metafórico, pois se trata de um espaço que possui características próprias, distintas, e que devem ser atribuídas a um espaço fechado, onde somente dentro desse espaço será possível ocorrer a realização dos processos de comunicação e a produção de novas informações (LOTMAN *apud* MACHADO, 2007, p. 34).

A semiosfera é um espaço semiótico composto de várias linguagens relacionadas entre si. Portanto, por ser linguagem, o grafite se encontra imerso nesse espaço, relacionando-se com outras linguagens que constitui o mesmo espaço semiótico. É nesse contexto que se procuram identificar as interferências dos sistemas de signos presentes nesse espaço, que é onde a comunicação ocorre (TEÓFILO; PEREIRA; LOPES, 2011, p.7).

A *semiose* é o que designa a produção de significados (que ocorre tanto no espaço real, quanto no espaço mental e no tempo simultaneamente) como interatividade dialógica entre diversas linguagens que ocorrem não dentro de um sistema, mas entre diversos sistemas entrelaçados no espaço semiótico (MACHADO, 2007, p.83).

Podemos dizer então que o grafite, está imerso no espaço semiótico que é a cidade e só pode funcionar como linguagem, interagindo com esse espaço. (LOTMAN *apud* TEÓFILO; PEREIRA; LOPES, 2011, p.2).

Os grafiteiros (emissores das mensagens), através dos seus desenhos, cores, formas, palavras ou frases grafadas à tinta (signos) nas estruturas das cidades (espaço semiótico), acreditam que essas suas expressões artísticas (mensagens) possam ser vistas e interpretadas (através da semiose) por pessoas de qualquer segmento social, estabelecendo assim uma forma de comunicação.

A cidade então se apresentaria como um veículo de comunicação, onde o grafite (linguagem) interfere diretamente na leitura que os cidadãos (receptores da mensagem) farão das paisagens, dos lugares, dialogando com os demais elementos que compõe os sistemas entrelaçados nessa semiosfera.

## O Grafite e a Geografia

O primeiro conceito geográfico a abordarmos, será o espaço geográfico, palco das ações e apropriações antrópicas, onde o grafite contextualiza-se plenamente como parte da reconstrução e ressignificação contínua do espaço vivenciado dos centros urbanos ao longo do tempo.

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, [...] a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. [...] somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (SANTOS, 1979, p.42-43).

A paisagem possui ao mesmo tempo, entrelaçados e interligados, um lado funcional e outro simbólico, tornando-se “vitrine permanente” da cultura (CORRÊA, 2001, p.290), e é através desse lado simbólico que o grafite atua, se exprime, se comunica e se diferencia.

A paisagem cultural, compreendida como a paisagem modificada, construída, que sofre ou sofreu algum tipo de remodelagem por intervenções antrópicas e o grafite (que é uma

forma de intervenção antrópica) têm uma relação muito íntima e dinâmica, principalmente nos centros urbanos, onde os hábitos, costumes e as relações com o espaço vivido se metamorfoseiam e se alteram contínua e ininterruptamente, onde o homem interage e intervém com a natureza de acordo com suas necessidades e interesses indiscriminadamente.

Essa interação depende (e reflete) diretamente do período histórico-político-sócio-econômico vivido, e seus múltiplos estímulos, ritmos e expressões artísticas, onde o homem é o autor/ator principal desta composição do espaço.

Milton Santos (1996), estabelece uma necessidade de distinção entre espaço e paisagem ao afirmar que: "A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima" (SANTOS, 1996, p.103).

Correlacionando a paisagem ao grafite, Tartaglia (2013) afirma que:

Um dos procedimentos mais comuns e certamente mais importantes da prática do grafite é perceber a paisagem. Notar as possibilidades que a paisagem civil oferece é um exercício ao qual grafiteiros dedicam sua percepção e sensibilidade ao circularem pela cidade. (TARTAGLIA, 2013, p.195).

O conceito de lugar, desvencilhando-se do senso comum que o trata como sinônimo de local, é repleto de significados organolépticos, guardando em si suas dimensões e seus sentidos (CARLOS, 2007, p.156).

Porém são estes lugares onde os grafites ocorrem, cada qual com sua cultura própria, suas particularidades, suas unicidades e singularidades, tanto de elementos naturais quanto antrópicos, que vão garantir ao grafite uma certa despadronização individualizante e específica, carregada de simbologias e sentimentos de pertença próprios, que não se encontrarão, nem significarão exatamente as mesmas coisas em outros lugares.

O lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN apud HOLZER, 1999, p. 70).

Numa perspectiva geográfica, o grafite se relaciona intrinsecamente com o espaço urbano, determinando a territorialidade (HAESBAERT *apud* TARTAGLIA, 2013, p.193) de seus autores. Essa territorialidade própria dos grafiteiros, pode ser entendida como a sua

afirmação enquanto sujeitos atuantes na cena cultural de suas cidades, ou até de outras cidades, por meio da confecção de seus desenhos e imagens impactantes nestas referidas paisagens.

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p.42).

O grafite é então na verdade, uma forma de *escritura territorial*, uma espécie de “marca” da cidade, que expressa as ideias e os modos de ser e de pensar dos seus produtores através de seus desenhos e de seus traços (CANCLINI, 1997, p.306).

### **O grafite e o ensino de Geografia no terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**

Nos centros urbanos, os grafites espalhados pela cidade fazem parte do cotidiano das ruas e lugares pelos quais educandos e educadores transitam diariamente, e suas interpretações estão contidas em suas compreensões do espaço vivido, de suas realidades e/ou da realidade de outros.

Pautados pelas relações intrincadas aqui expostas entre a linguagem do grafite e a interpretação do espaço geográfico urbano, associando essa perspectiva às categorias geográficas espaço, lugar, território e paisagem, podemos vislumbrar a utilização dessas diversas imagens no processo de entendimento do meio vivido, através da sua leitura e interpretação de seus significados, como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação a essa etapa da escolaridade e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. Assim, “espaço” deve ser o objeto central de estudo, e as categorias “território”, “região”, “paisagem” e “lugar” devem ser abordadas como seu desdobramento (BRASIL, 1998, p. 27).

O relacionamento do grafite com os temas cotidianos é balizado pela sua produção como arte de rua que potencializa reflexões sobre o ser-estar no mundo vivido. A arte do grafite dialoga com os transeuntes independentemente da classe econômico-social a que pertencem, ao possibilitar o resgate, a cultura, a valorização e a transformação dos lugares (MOREIS, 2015, p.5264).



A Geografia, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais [...] oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente (BRASIL, 1998, p.15).

Corroborando com essa análise, o grafite que veremos adiante, localizado na Avenida XV de Novembro, no bairro Centro, em Campos dos Goytacazes, à margem direita do Rio Paraíba do Sul, traz a representação da lenda campista do Ururau da Lapa, uma estória contada sobre um homem que teria sido transformado num imenso jacaré do papo amarelo, chamado pelo nome indígena de Ururau, e que desde o século XVIII atacaria embarcações e arrastaria pessoas para dentro do referido rio em frente à Igreja da Lapa, como uma forma de vingança pela maldição que ali o aprisionou. O Ururau também teria causado o naufrágio de um barco que trazia consigo um enorme sino de ouro destinado à torre da Igreja da Lapa, e dentro deste sino, no fundo do Rio Paraíba do Sul, ele teria feito sua eterna morada (PEIXOTO, 1991, p. 6-14).



Imagem 01. Fotografado por Anderson Luiz Barreto da Silva, em 28/07/2016.

Medindo 16 metros de comprimento por 1,6 metros de altura, este grafite, obra do artista local Andinho Ide, traz as representações do Ururau, do sino de ouro e da Igreja da Lapa.

A partir de desdobramentos contextuais desse grafite (sua localização ou o espaço modificado onde está inserido, por exemplo), várias questões como a importância do Rio

Paraíba do Sul para o desenvolvimento da cidade de Campos dos Goytacazes e suas dinâmicas sociais poderiam ser abordadas sob perspectivas geográficas.

### **Grafite e Inclusão social**

O grafite foi ganhando espaço, ditando moda, passando a estar cada vez mais presente nas roupas, nos carros, nos tênis, na mídia (COSTA, 2007, p.181), na publicidade, nas escolas e nos programas sociais governamentais. Logo, alguns setores públicos passaram a desenvolver programas de caráter inclusivo em diversas cidades do Brasil, utilizando o grafite como veículo para atrair jovens no intuito de afastá-los da marginalidade, enquanto uma parcela cada vez maior da iniciativa privada passou a enxergar no grafite, com sua linguagem própria e estética jovial implícita, um significativo potencial econômico.

A F.M.I.J. (mantenedora da oficina *Arte em Grafite*, criada em 2007), é um órgão da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, instituído em 19 de março de 1990, pela Lei Municipal N° 5.096/1990, com o intuito original de subsidiar a qualificação profissional de adolescentes (prioritariamente de baixa renda) de 14 a 18 anos, no contra turno escolar, de acordo com a página oficial da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (2015).

A oficina atua em dois períodos semestrais, com emissão de certificado ao término do curso, tendo como principal objetivo qualificar profissionalmente esses jovens.

Divididos em duas turmas de oito alunos, entre os turnos da manhã e da tarde, ambas tendo o grafiteiro e artista plástico campista Jhony Siqueira como professor, a oficina busca não só trabalhar com o grafite em si (apesar do grafite ser o carro chefe), mas sim usá-lo como ferramenta principal, introdutória à outras formas de arte, abrangendo técnicas de desenho, pintura de telas, cenografia para teatro, customização e reciclagem de objetos (como cadeiras e latas de tinta vazias, por exemplo), entre outras atividades.

Qualificar profissionalmente e gratuitamente jovens de baixa renda, além de inseri-los num cenário cultural a priori restrito aos mais abastados, ampliando seus horizontes através das artes plásticas na oficina *Arte em Grafite*, por si só, já é uma forma significativa de inclusão sócio cultural.

Um exemplo do potencial transformador da oficina *Arte em Grafite* é o ex aluno Jamenson Lemos Joviniano, que se tornou um grafiteiro profissional e microempreendedor, a partir dos saberes apreendidos na oficina, que o levaram a lançar uma marca de roupas que



carrega o seu nome artístico (“Dog Jam”), com temáticas visuais voltadas ao grafite e ao público jovem de Campos dos Goytacazes.

Na imagem a seguir, vemos o professor Jhony Siqueira ministrando uma aula prática, num momento posterior a um prelúdio teórico em sala de aula, iniciando os traços de uma *tag*, observado atentamente por seus alunos.



Imagem 02. Fotografado por Anderson Luiz Barreto da Silva, em 14/03/2016.

### Considerações finais

Tomando por base todo o levantamento teórico conceitual que nos subsidiou o entrelaçamento do grafite com as categorias geográficas paisagem, lugar, espaço e território no espaço semiótico das cidades e compreendendo o grafite como uma linguagem própria, através da qual os grafiteiros interagem e dialogam com as cidades e os cidadãos, é possível concluir que o grafite tem papel de destaque na construção, reconstrução e apropriação do espaço urbano contemporâneo por seus agentes, que expressam-se sobre o mundo que os cerca, ressignificando seus lugares e papéis na sociedade, num processo dinâmico e constante.

No ensino de Geografia, o grafite pode (e deve) ser apropriado pelos educadores dos centros urbanos, cabendo a estes e suas capacidades criativas, o desenvolvimento das possibilidades de trabalho dessa ferramenta pedagógica durante suas aulas, como propusemos de acordo com os P.C.N. para o terceiro e quarto ciclos de Ensino Fundamental (BRASIL, 1998). Porém, não delimitamos a utilização do grafite como ferramenta pedagógica apenas a esses ciclos, cabendo aos professores as adequações que julgarem pertinentes a cada série.

Entendendo a Geografia como uma importante ferramenta para reflexão e compreensão dos fatos naturais e antrópicos no espaço onde estamos inseridos, e sendo o grafite uma dessas ações antrópicas, podemos dizer que a Geografia também é uma ciência

que nos permite sermos os agentes da transformação social a partir da compreensão da realidade em que vivemos. Ela tem uma função social dialética, cotidiana e científica, e nós, docentes de Geografia, temos que nos apropriar dessa condição sempre que possível. (BALTAZAR, 2015, p.2).

De projetos sociais como a oficina *Arte em Grafite*, sairão novos agentes modificadores do espaço urbano, que através da linguagem do grafite e de suas próprias percepções, motivações e sentimentos sobre o contexto no qual estão inseridos, darão novos significados a diferentes paisagens de diferentes lugares, que poderão ser lidas, relidas, apropriadas, interpretadas e transformadas em ferramentas pedagógicas propícias à construção do processo de ensino – aprendizagem da Geografia, sendo o educador o responsável pela mediação pertinente e adequada, capaz de transformar essa possibilidade pedagógica em algo factível, passível de recorte e transposição das ruas para as salas de aula.

### Referências bibliográficas

BALTAZAR, Walter J.A **contribuição do grafite na composição e na leitura do espaço geográfico.** In: ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 8., 2015, Catalão. *Anais eletrônicos...* Catalão: UFG, 2015. Disponível em: <[http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/resources/anais/5/1441199286\\_ARQUIVO\\_RE.pdf](http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/resources/anais/5/1441199286_ARQUIVO_RE.pdf)>. Acessado em: 23 jan. 2016.

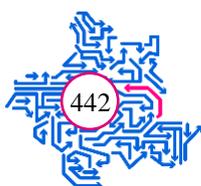
BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Geografia. 1998, p. 15-29. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acessado em 09 ago. 2016

CANCLINI, Nestor. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 1 ed. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007, p. 154-158. Disponível em: <[http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf)>. Acessado em: 20 mar. 2016.

CORRÊA, Roberto L.(org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.290-291.

COSTA, Luzian. P.. **Grafite e pichação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea.** In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 3., 2007, Campinas. *Anais eletrônicos...* Campinas: UNICAMP. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/COSTA,%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>>. Acessado em: 21 mar. 2016.



FILHO, Telmo. Fundação da Infância e da Juventude comemora 25 anos. **Portal Oficial da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes**, Campos dos Goytacazes, 19 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=30258](http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=30258)>. Acessado em: 30 mar. 2016.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

HAESBAERT, Rogério; **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. 1ª ed. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 1997, p. 40-42.

HOLZER; Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, n° 7. jul./dez. 1999. p. 67-78. Disponível em: <[http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07\\_6\\_holzer.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf)>. Acessado em: 20 abr. 2016.

LAZZARIN, Luís. F. Grafite e o Ensino da Arte. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, n. 32, jan/jun. 2007, p.59-74. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6660/3976>>. Acessado em: 23 mai. 2016.

LOPES, Joana. G. V.; DOBAL, Susana. **Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano**. Basília: Ed.UNB. 2011, p.4-18. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3824/1/2011\\_JoanaGoncalvesVieiraLopes.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3824/1/2011_JoanaGoncalvesVieiraLopes.pdf)>. Acesso em: 03 jan. 2016.

MACHADO, Irene (org.); **Semiótica da cultura e semiosfera**. 1ªed. São Paulo: Editora Annablume. 2007.p. 34-90.

MOREIS, Carina. S. **Grafite: da arte da rua ao diálogo entre saberes**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 11., 2011, Presidente Prudente. *Anais eletrônicos...* [www.enampege.ggf.br/2015](http://www.enampege.ggf.br/2015), 2015. Disponível em: <<http://www.enampege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/493.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

NETTO, José T. C.. **Semiótica, informação e comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983, p. 9-81.

PEIXOTO, Osório; **O Ururau da Lapa e outras histórias**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1991.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 1ª ed. São Paulo: Editora Hucitec. 1996, p. 98-106.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979, p.42-43.

SCHIER, Raul A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Ra'e Ga: O espaço Geográfico em Análise**, Curitiba: Editora UFPR, n.7, p. 79-85, 2003. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/3353/2689>>. Acessado em: 12 jan. 2016.

SILVA, William S.. Trajetória do Graffiti no mundo. **Revista Ohun**, Salvador, v.4, n. 4, dez. 2008. Disponível em: < [http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/Wiliam\\_Silva.pdf](http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/Wiliam_Silva.pdf)>. Acessado em: 02 abr. 2016.



5º Encontro Regional de  
Ensino de Geografia

As políticas curriculares e o Ensino de Geografia  
Campinas, 20 a 22 de outubro de 2016

TARTAGLIA, Leandro. A paisagem e o grafite na cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, n.7, 2013. p. 191-204. Disponível em: [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204432/4114327/revista\\_AGCRJ\\_7\\_2013.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204432/4114327/revista_AGCRJ_7_2013.pdf)> Acesso em: 24 mai. 2016.

